

O animal que precisava comer
banana para não querer comer os
correntinos



Cordel Mecânico
... mais uma história do Cordelista Sem Noção

Por ser parte de um projeto científico (veja final do livro), é proibida a venda desse cordel.

@Pierre Gautreau / O Cordelista sem noção 2024
Editions du Bois de Fil
ISBN - 978-2-492975-06-6

**O animal que precisava comer banana
para não querer comer os correntinos**

Lá nos anos setenta
Num lugar que ja esquecí
Na Couro de Porco será
Ou na Arrojelândia
Já não sei em que dia
Ocorreu o seguinte :

Com danada poera
Perto já do por do sol
A janta preparada
Tuda a rapaziada
Jogando ao futebol.

Com danado barulho
Surgiu pela pista
Fantasma do Cerrado

Gordo e barrigudo:
Uma baita besta.

A nuvem de fumaça
Que do rabo saia
Fez sumir todo o povo
Da criança ao avô
O correntino fugia.

Com infernal silêncio
Com a rua deserta
As portas bem fechadas
As bocas bem caladas
Parou aquela besta.

Qué barriga mais verde!
Que pernas redondas!
Qué cheiro mais danado!
Qué olho mais gordo!
Qué orelhas quadradas!

Assim falava assustado
Em voz baixa o povo
A nossa hora chegou
A mesma morte veio
A levar velho e novo.

Para surpresa de todos
Abriu-se a cabeça
Daquela grande fera
E um rapaz descera
Com olhar cheio de graça.

“Oi das casas!”, ele gridou
Mas ninguém se animou
A mostrar sua nariz
Só uma moça lhe diz
O que era aquilo?

Essa bicha, meus amigos
Dela não se assuste.

De tanto comer banana
Ficou ela tão gordinha,
E não come mais gente.

Mais não deixem aqui
Sem a fruta amarela.
Sem banana ela pode
Comer cristiano ou bode
Assim é a sua gula.

Desse jeito falava
Abusando dos ingenuos
O caminhoeiro malvado
O bandido graudo
Na procura de bom ganhos.

Desse lado do mundo
Nunca se tinha visto
Nem caminhão nem carro
De cavalo ou de burro

Se viajava, e pronto!

Com as pernas tremendo
Saiu do brejo um homem
Com um cacho de banana
“É pra amiga grandona
Botar no seu abdómen”.

O Vilão abriu o capô
E no motor jogou o cacho.
As bananas esquentadas
Pelos ferros ardentes
Viravam para cor roxo.

A bananada no capô
Uma vez completada
Diz para rapaziada:
Olha que essa doida
Ela tem fome ainda.

Mas por boa fortuna
Ela tem grandes costas
E gosta para jantinha
Comer muita bananinha
Tragam suas colheitas.

É assim foi que o povo
Tragou todas as raças:
Prata, nanica, marmelo
Ouro, figo e terra
Até banana-maçã!

É assim, foi embora
Com os pneus esmagados
De tanta fruta carregada
A fera tão temida
Por aqueles coitados.

Por meses ele voltou
Aquele sem vergonha

Abusando do medo
Do povo do Arrojado
Que na ignorância tinha.

Mas um dia Deus quiz
Levar até Cor de Porco
Um outro comerciante
Não era bandeirante
Chegou pelo barranco.

Num caminhão amarelo
Ele entendeu na hora
Com quem ia comerciar
Mais não quiz trapacear
Por ter ele muita honra.

Seu animal, lhes explicou
Era borracha e ferro
Não pensava nem sentia
Só gasolina bebia

Não era nada bizarro.

Também carregou a fruta
O comerciante legal
Mas pagou com moeda
Por tuda a bananada
É pra surpresa geral.

Ninguém lembra o destino
Do vilão motorizado
Nunca mais apareceu
Nem, graças ao Céu
Deixou alguém enganado.

Alguns dizem, sem certeza
Que o devorou o caminhão
Por falta de banana
Virou uma suçarana
É engoliu seu patrão.

Apresentação do autor

Sou cordelista sem noção
Me perdoe nordestino
Que eu vindo de outra nação
Faça gambiarra de verso.

Meus cordeis falam de cá
Dessa bela Correntina
Ouvir suas maravilhas
É o único que peço.

Me ajude a melhorar
Esses cordeis mecânicos
Me dé dicas para achar
Minhas rimas no Cerrado.

Com barulho e fumaça
Vem as minhas historias
Mas de Lampião não se fala
Nesses cordeis mecânicos.

Borracheros, tratoristas
Ousados quebra-galhos
Aqueles são meus herois
Falo deles sem atalhos.

Para que ninguém esqueça
Nada da pena de eles
Em consertar a máquina
Que devora o Cerrado.

Que são os “cordéis mecânicos”?

Os “Cordeis mecânicos” fazem parte do projeto de pesquisa franco-brasileiro chamado *Máquinas do dia-a-dia*, que retrata as práticas populares de uso e reparação de máquinas nos cerrados do Oeste bahiano, no município de Correntina. O intuito do projeto é conhecer melhor o cotidiano dos moradores de região a través da descrição de atividades poucas vezes valorizadas pela pesquisa acadêmica.

Os “cordéis mecânicos” não se vendem, mas são trocados contra histórias da região contadas pelos moradores.

Você conhece uma historia que envolve uma máquina, e gostaria de ver ela transformada em “cordel mecânico”? Nesse caso, escreva para nós :

No Instagram : @elgateado

Whatsapp : + 33 6 95 58 24 05

Email : pierre.gautreau@elgateado.fr

**Outras publicações da coleção dos
“Cordéis mecânicos” :**

O furo que dava de comer ao borrachero mas
que ao mesmo tempo queria mata-lo.

As rodas d'água que giravam em sentido
contrario à correnteza.

Os homens estreitos da BR 349.

O que ocorreu no povoado de Couro de Porco o dia em que apareceu o primeiro caminhão que tenham visto os moradores na sua vida ? Essa história, contada por um gerazeiro com memória, aconteceu faz mais de 50 anos...